

Bom dia a todos,

Quero agradecer ao Sr. Presidente da República a sua valiosa mensagem. À Fundação Champalimaud o apoio concedido a este encontro. Ao Instituto de Apoio à Criança o envolvimento persistente e estoico nesta campanha. Uma palavra especial de apreço à Dra. Dulce Rocha que lamentavelmente não pode estar aqui hoje. A todos os distintos oradores deste Encontro o vosso inestimável contributo. E a todos os presentes, o vosso apoio.

Porque é que estamos aqui hoje?

Porque é que falamos em palmadas, quando há uma guerra em curso na Europa, que já matou **milhares de pessoas**, incluindo mais de **200 crianças**?

Porque é que falamos em castigos corporais, quando houve **mais um massacre** numa escola nos Estados Unidos, onde perderam a vida **19 crianças**.

Não são estas questões mais importantes?

Claro que sim.

Mas pergunto-vos: onde nasce a violência? Onde começa a revolta, a raiva, o medo, a insegurança que nos impele ao ataque? O que leva uma criança a contar os dias para fazer 18 anos, a idade legal nos Estados Unidos que lhe permitiu comprar duas armas semiautomáticas e planear um ataque a uma escola primária?

É absolutamente trágico e devastador o que foi feito àquelas crianças e professoras. E é trágico que um jovem se sinta **tão só e zangado** a ponto de fazer o que fez.

Um palmada não produz «**aquilo**», dirão.

Claro que não. Nem o vou questionar.

Mas uma infância de ameaças e insultos, uma infância de maus-tratos emocionais e negligência, uma infância de castigos corporais e falta de empatia, de falta de amor, já o pode fazer.

Uma infância a sentir medo, uma infância em estado de alerta, uma infância a reprimir sentimentos, já o pode fazer.

Então... porque não definirmos **quanto** e **como** se pode bater nas crianças? A chamada «palmada leve» ou «pedagógica»?

Esta pergunta tem uma resposta fácil:

Porque seria um exercício indigno e perverso.

Porque também não quantificamos quanto e como se pode bater na avó, que tem sinais de senilidade, ou no sobrinho, que é portador de uma deficiência.

Porque não pensamos em definir formas aceitáveis de agredir mulheres, idosos ou qualquer outro grupo da população.

Porque as crianças têm o direito à proteção contra todas as formas de agressão, tal como qualquer outra pessoa: na verdade, as crianças – menores e mais frágeis – deveriam ter direito a uma proteção **maior**. E não é isso o que acontece.

Algumas pessoas dizem que «há uma grande diferença entre maus-tratos e uma palmada leve». No entanto, não podemos afirmar que os adultos têm um controlo preciso sobre o grau de violência que utilizam. Um estudo ligado às Neurociências demonstrou que muitas vezes se usa mais força do que a que se pretende usar, e que esta tende a aumentar quanto maior é a irritação e quanto mais vezes se bate. Além disso, as palmadas pressupõem que certos graus de violência são aceitáveis, o que dificulta a proteção das crianças. Onde fica, afinal, o limite?

Na Convenção Sobre os Direitos da Criança, lê-se que

«Os Estados devem adotar todas as medidas apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física.»

Então, pergunto-vos, porque assisti eu na rua a uma mãe a bater com toda a violência num filho de cerca de 6 anos, que **já se encontrava no chão**, em frente a uma escola pública, perante a indiferença dos polícias que guardam a Presidência do Conselho de Ministros, ali mesmo ao lado? Porque vi eu outra mãe a dar uma palmada com **tanta** força que me teria doído a mim, numa bebé de dois anos que ainda usava fralda, num parque infantil? Porque vi eu, e os meus dois filhos que comigo estavam, ainda outra mãe a dar **estaladas**, umas atrás das outras, na **cara** do filho pequeno, que também usava fraldas e chorava, numa esplanada **cheia de gente**, a um domingo, de um café típico de um bairro lisboeta?

Reparem que duas destas crianças ainda usavam fralda. O que significa que eram **tão pequenas** e imaturas que ainda não controlavam os esfíncteres e, todavia, já estavam a ser agredidas. Não havia ali nenhuma mosca para enxotar, e se me tivessem batido assim a mim, uma adulta, garanto-vos que me teria doído.

Porque é que nestas três ocasiões as pessoas passavam ao largo ou assistiam sem nada fazerem?

Estas três situações ocorreram todas no espaço de um mês apenas, num só bairro, o bairro onde vivo, em Campo de Ourique. As mães que batiam só pararam de bater porque eu intervim, e não o fizeram contentes. O argumento foi sempre o mesmo: «Posso porque é meu filho».

Mas esta é a questão. É que não podem. E eis como o descobri.

À terceira situação vim para casa bastante enervada, pois os meus filhos tiveram de presenciar não só uma mãe a bater com violência no filho pequeno, como a mim, a mãe deles, a interpelá-la e a envolver-me numa discussão pública muito desagradável. E decidi procurar informação sobre o assunto. E descobri uma coisa fantástica: aquelas mães não podiam ter feito aquilo.

O artigo 152 do Código Penal, referente à violência doméstica, diz:

1 – Quem, **de modo reiterado ou não**, infligir maus tratos físicos, incluindo **castigos corporais** [...] d) A pessoa particularmente indefesa, nomeadamente em **razão da idade** [...] é punido com pena de prisão de um a cinco anos.

Confusa a este respeito, procurei ajuda junto da Dra. Dulce Rocha, Presidente do IAC. Perguntei-lhe se da próxima vez que assistisse a uma situação destas podia dizer mais do que “tenha vergonha; já viu o tamanho da criança?”. Se podia dizer “sabe que isso é ilegal e posso chamar a polícia?”. A Dra. Dulce confirmou que eu o poderia dizer, mas disse também que não era certo que estes pais, caso fossem denunciados e acusados pelo Ministério Público, viessem a ser condenados.

E isso levou-nos a conversar mais e a aprofundar o tema. E a tentar perceber o que faltava para que esta lei fosse tão óbvia para todos como outras situações de violência doméstica.

Porque, se pensarmos nisso, a violência contra as mulheres e os homens não é aceitável.

Os castigos físicos aos alunos não são aceitáveis.

Os maus-tratos a animais não são aceitáveis.

E porém, é admissível que um adulto bata numa criança.

E podemos dizer a nós próprios que não é, mas não é isso que vemos nas ruas. Não é isso que vemos nas nossas próprias famílias.

Naquela noite ainda, nasceu das mãos do meu marido um site: **nemmaisumapalmada.pt.** onde reunimos toda a informação que desconhecíamos existir sobre o assunto, descobrindo, por exemplo, que existe um enorme consenso científico à volta da mesma ideia: **todas as agressões na infância, mesmo as tradicionalmente consideradas mais leves, têm vários efeitos negativos.**

Depois de mais algumas mensagens e telefonemas, combinou-se junto da sede do IAC um encontro e, depois disso, uma reunião de trabalho, nos quais a paixão de todos sobre o tema foi evidente.

Foi visível para nós desde o início que esta era uma campanha que fazia sentido nascer a partir do IAC. E rapidamente percebemos todos que **este é o momento.**

A sociedade portuguesa está pronta para o desafio. O desafio de se enfrentar o *status quo* do «lá em casa mando eu» e «nos meus filhos mando eu». Um argumento anacrónico, empoeirado e perigoso, que por si só transpira a possibilidade de um ambiente de potencial violência doméstica.

É preciso, então, informar a população. É preciso sensibilizar as pessoas para os perigos dos castigos corporais.

Numa declaração oficial, a Academia Americana de Pediatria, que representa mais de 67.000 pediatras, afirmou que os pais não devem bater nos filhos.

Os efeitos nocivos dos castigos corporais, mesmo os mais leves, podem incluir:

- Crianças com comportamento agressivo na escola;
- risco de distúrbios de saúde mental;
- problemas cognitivos;
- transtornos comportamentais e depressão na adolescência;
- são um precursor da violência doméstica entre adultos.

Posso dizer-vos que este assunto é, a nível pessoal, importante para mim.

Mas, como se vê, trata-se de um assunto que é importante para todos.

Pessoas sem filhos e pessoas com filhos.

Professores, auxiliares de educação, juristas, governantes, médicos, polícias.

Todos aqueles que contactam com crianças e assistem a castigos corporais contra estas, por mais “leves” que lhes possam parecer.

As crianças em causa. Que desconhecem os seus direitos, porque os pais as tratam como sua propriedade e as fazem sentir que podem fazer tudo em nome da sua educação.

A forma como somos tratados na infância tem implicações em quem somos no futuro. **Sempre.** E tem implicações, por tabela, em quem vamos ter à frente de escolas, empresas, governos. Determina em muito que mundo podemos e queremos habitar.

Em Portugal, os castigos corporais são puníveis por lei.

Mas a lei não é aplicada. E pais e cuidadores batem. Nós batemos.

Porquê?

- Porque está enraizado na nossa cultura.
- Porque parece funcionar.
- Porque só nos fizeram foi bem.
- Porque merecíamos.
- Porque é só um “enxota-moscas” na fralda.
- Porque era para nossa segurança.
- Porque são palmadas pedagógicas.
- Porque, por causa disso, hoje somos pessoas bem educadas.

Estes são alguns dos mitos e histórias que nos contaram, e que contamos a nós próprios. Enquanto pais e enquanto filhos.

Mas hoje há mais informação. Há vários estudos documentados. Há relatos e experiências que o contrapõem.

E há que estender a **fronteira básica do respeito pelo corpo do outro** a todos, sobretudo aos mais vulneráveis e indefesos. Os que requerem a nossa proteção e não a nossa agressão: **as crianças**.

Acreditamos que uma educação sem violência é possível.

Acreditamos num mundo em que as crianças possam crescer num ambiente de dignidade e respeito. Ambiente esse que vão saber reproduzir no futuro em todas as áreas das suas vidas.

Acreditamos que temos nas nossas mãos a capacidade incrível de contribuir para que as crianças tenham um futuro melhor. Com menos violência. Com menos massacres. Com menos guerras.

Mas para isso, precisamos da ajuda de todos.

Precisamos de notícias na imprensa. De *posts*, fotografias e vídeos nas redes sociais. De entrevistas a profissionais da infância apoiantes desta causa em horário nobre na televisão. De informação e sensibilização em escolas que cheguem à população de forma pedagógica e ensinem os malefícios dos castigos corporais, mas ofereçam também aos pais alternativas e estratégias para uma parentalidade eficaz e positiva.

Porque criar uma criança é uma experiência incrível. Mas pode também ser muito desafiante devido a vários fatores: cansaço, falta de tempo, falta de dinheiro, dificuldades acrescidas em caso de família monoparental, doença física ou mental. Em alguns casos pode tornar-se uma tarefa hercúlea.

E estes pais e cuidadores precisam de respostas sociais que os auxiliem.

Precisamos de cartazes na rua, nas estações de metro. Tal como no caso da violência doméstica contra as mulheres, precisamos de um cartaz que diga, a quem aguarda o regresso a casa na paragem de autocarro: «**Não se pode bater em crianças**».

E precisamos destes meios todos, porquê? Porque só assim vai ser possível. Porque só depois de haver publicidade institucional que explicou o porquê de «Se conduzir, não beba», **e de a lei ser aplicada**, as pessoas pararam de beber e conduzir. Porque depois da campanha persistente da APAV sobre violência doméstica, alguns agressores começaram a ganhar relutância em bater e os vizinhos mais confiança em denunciar.

Porque precisamos de fazer chegar a informação às mães e pais que batem, e que não sabem que isso é um problema. Aos avós que dão ou deram palmadas, que essa não é a solução.

Mas também e **sobretudo** aos jovens e às crianças que **estamos com eles** e que eles não têm culpa. Que não o merecem. E **nunca** mereceram. E que nós vamos, **finalmente**, fazer com que não volte a ser aceitável baterem-lhes, nem em público nem em privado. Que **não vamos voltar a passar ao largo**.

Para que no futuro, ao olharmos para trás, para o dia de hoje, nos lembremos com incredulidade e repulsa que era permitido aos adultos bater nas crianças, mas também com algum ânimo, ao constatarmos que já não é.

Chegou a hora de acabar com **todos** os castigos corporais às crianças. As crianças têm direito à dignidade e à proteção contra todas as formas de violência.

Para isso precisamos do apoio de todos. Contamos convosco.

Obrigada.